



Docência com bebês na creche: saberes, desafios e a constituição da identidade profissional docente

Teaching practices with infants in daycare: knowledge, challenges, and the formation of professional teaching identity

La enseñanza con bebés en guarderías: conocimientos, desafíos y formación de una identidad profesional docente

 Izabelle Cristina de Almeida¹

 Susana Soares Tozetto²



Resumo: A Educação Infantil constitui-se como um espaço relevante de aprendizagem e desenvolvimentos das crianças, compreendidas como sujeitos integrais que se relacionam com o mundo por meio do corpo, de experiências concretas, das interações sociais e de múltiplas linguagens. No contexto da creche, que atende crianças de 0 a 3 anos, os cuidados, as interações, a organização dos espaços e a atuação dos profissionais devem ser planejados de modo a contemplar as necessidades individuais próprias dessa etapa evidenciando a necessidade de repensar práticas pedagógicas e abordagens que considerem as especificidades do trabalho docente com bebês e crianças pequenas. A partir deste contexto, o artigo tem como objetivo reconhecer as especificidades da docência com bebês, com ênfase nos saberes e desafios enfrentados por professoras no contexto da creche, investigando como essas experiências contribuem para a constituição da identidade profissional docente na Educação Infantil. A pesquisa qualitativa foi realizada com 46 professoras de bebês atuantes na Educação Infantil. A coleta de dados ocorreu por meio de questionários *on-line* e entrevistas semiestruturadas, para a categorização e análise dos dados, optou-se pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Conclui-se que a docência com bebês precisa ser embasada teoricamente, consistente e reflexiva, sem desconsiderar as relações de afeto e cuidado, essenciais tanto ao desenvolvimento infantil quanto à formação da identidade docente. Desse modo, torna-se fundamental refletir sobre a organização de um ambiente educativo intencionalmente planejado para acolher os bebês, que passam a vivenciar relações cotidianas em um contexto de educação para além do âmbito familiar.

Palavras-chave: docência com bebês; identidade profissional; educação infantil; creche.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Ponta Grossa, Paraná, Brasil. Professora colaborada no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e na Faculdade Sagrada Família, Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: izadealmeida28@gmail.com

² Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, São Paulo, Brasil. Professora Associada da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Docente Sênior do Programa de Pós-Graduação em Educação da da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: susanatozetto@hotmail.com



Abstract: Early Childhood Education constitutes a relevant space for learning and development of children, understood as integral subjects who relate to the world through their bodies, concrete experiences, social interactions, and multiple languages. In the context of daycare, which serves children from 0 to 3 years old, care, interactions, the organization of spaces, and the actions of professionals must be planned in a way that contemplates the individual needs specific to this stage. This highlights the need to rethink pedagogical practices and approaches that consider the specificities of teaching with babies and very young children. Based on the concerns arising from this context, this article aims to recognize the specificities of teaching with babies, emphasizing the knowledge and challenges faced by teachers in the daycare context, investigating how these experiences contribute to the constitution of the professional identity of teachers in Early Childhood Education. This qualitative research was conducted with 46 teachers of infants working in Early Childhood Education. Data collection occurred through online questionnaires and semi-structured interviews. Content Analysis (Bardin, 2016) was chosen for data categorization and analysis. The conclusion is that teaching with infants needs to be theoretically grounded, consistent, and reflective, without disregarding the relationships of affection and care, essential both to child development and to the formation of teacher identity. Therefore, it becomes fundamental to reflect on the organization of an educational environment intentionally planned to welcome infants, who begin to experience daily relationships in an educational context that extends beyond the family sphere.

Keywords: teaching with babies; professional identity; early childhood education; daycare.

Resumen: La Educación Infantil es un espacio clave para el aprendizaje y desarrollo de los niños como sujetos integrales. En la guardería, que atiende a niños de 0 a 3 años, los cuidados, la organización de los espacios y la actuación profesional deben planificarse según las necesidades de esta etapa, lo que exige repensar las prácticas pedagógicas dirigidas a bebés y niños pequeños. A partir de este contexto, el artículo tiene como objetivo reconocer las especificidades de la docencia con bebés, con énfasis en los saberes y desafíos enfrentados por las profesoras en el contexto de la guardería, investigando cómo estas experiencias contribuyen a la constitución de la identidad profesional docente en la Educación Infantil. La investigación cualitativa se realizó con 46 profesoras de bebés que actúan en la Educación Infantil. La recolección de datos se llevó a cabo mediante cuestionarios en línea y entrevistas semiestructuradas. Para la categorización y el análisis de los datos se optó por el Análisis de Contenido (Bardin, 2016). Se concluye que la docencia con bebés necesita estar sustentada teóricamente, ser consistente y reflexiva, sin desconsiderar las relaciones de afecto y cuidado, esenciales tanto para el desarrollo infantil como para la formación de la identidad docente. De este modo, se torna fundamental reflexionar sobre la organización de un ambiente educativo planificado intencionalmente para acoger a los bebés, quienes comienzan a vivenciar relaciones cotidianas en un contexto educativo más allá del ámbito familiar.

Palabras clave: enseñanza con bebés; identidad profesional; educación infantil; guardería.

1 Introdução

A Constituição Brasileira (Brasil, 1988) assegura o ingresso de crianças de 0 a 5 anos nas Instituições de Educação Infantil. Atualmente, as crianças ingressam na creche a partir dos quatro meses de idade e lá permanecem por até dez horas. As crianças de qualquer idade ou classe social têm o direito de frequentar instituições educativas, que se caracterizam, segundo Corsino (2012), como um lugar público de convivência, de trocas simbólicas, de inserção cultural, de afetos e desafetos, de constituição de identidades e subjetividades.

No entanto, ao se constituir como parte da esfera educacional, essas instituições enfrentam o desafio de compreender e ressignificar seu papel com as crianças, desvinculando-se de práticas meramente assistencialistas e construindo novas concepções de infância. Tais concepções devem estar expressas não apenas nas políticas públicas, mas nas práticas institucionais, nas propostas desenvolvidas, na organização dos espaços e nos processos pedagógicos destinados ao atendimento dos bebês e crianças pequenas, bem como na formação oferecida aos profissionais da área.

Conforme enfatiza Gomes (2013, p. 27), pensar a docência com bebês implica abrir-se a novas formas de ser e estar na escola. Nesse contexto, a creche configura-se como um espaço no qual as professoras podem compartilhar experiências, angústias e expectativas, constituindo-se também como locus de formação, aprendizagem e produção de novos saberes. Ao se distanciarem de uma perspectiva assistencialista, as docentes passam a mobilizar, a partir das ações dos bebês e das relações estabelecidas no cotidiano, os saberes necessários ao trabalho pedagógico com essa faixa etária, problematizando suas práticas e desenvolvendo sua profissionalidade docente.

Santos (2007, p. 27) enfatiza que a docência deve ser “[...] compreendida como trabalho, como ato de transformação dos sujeitos, tendo em vista o próprio processo de humanização, que não se faz sem a socialização, a partilha e a produção de conhecimentos”. Portanto, constitui-se em uma atividade consciente, teórica e prática e, para isso, são necessários conhecimentos, métodos, técnicas, instrumentos que precisam se relacionar continuamente, em meio aos desafios que emergem do contexto. A docência se constrói e se reconstrói nas interações cotidianas entre os agentes envolvidos e esse processo demanda pensar, sentir e agir para mobilizar as ações de organização em que o profissional atua. Dessa forma, por meio de suas experiências, o professor atribui significados ao seu trabalho, que se integram a um conjunto de saberes que constituem a base de conhecimento profissional (Santos, 2007).

Ser professora de bebês é assumir uma profissão marcada por sutilezas, em que os gestos, olhares, a escuta sensível e as interações cotidianas desempenham um papel fundamental na aprendizagem e desenvolvimento infantil. No entanto, essa docência ainda enfrenta desafios históricos, políticos e legais, que são refletidos na invisibilidade dos bebês nos documentos oficiais e na pouca valorização da prática docente nessa etapa.

A compreensão de quem são os bebês é um ponto primordial para constituir o trabalho docente com esta faixa etária, pois tais concepções definem as práticas realizadas e a postura profissional docente diante dos bebês (Almeida, 2025, p. 216). Assim, os saberes impactam na constituição de sua prática pedagógica e de sua identidade profissional. Entende-se que ao reconhecer os bebês como ativos e potentes em suas ações e interações, ao conhecer suas especificidades, necessidades e preferências, as professoras serão capazes de proporcionar experiências que vão ao encontro de suas potencialidades. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo reconhecer as especificidades da docência com bebês, com ênfase nos saberes mobilizados e nos desafios enfrentados pelas professoras, investigando de que modo essas experiências contribuem para a constituição da identidade profissional docente na Educação Infantil.

A presente investigação integra um estudo de abordagem qualitativa, desenvolvido em instituições de Educação Infantil que atendem bebês, no município de Ponta Grossa (PR). O foco recai sobre as especificidades da prática pedagógica com crianças de até três anos e os saberes mobilizados por professoras atuantes nesse segmento. A pesquisa foi previamente autorizada pela Secretaria Municipal de Educação (SME), por meio do protocolo oficializado no Sistema Eletrônico

de Informações (SEI), acompanhado do projeto de pesquisa, da carta de apresentação institucional e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo também obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo aos princípios normativos da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Participaram da pesquisa 46 professoras que atuam com turmas de bebês, sendo 33 vinculadas à rede pública e 13 à rede privada de ensino, em períodos parciais e integrais. A participação foi voluntária e consentida, mediante assinatura do TCLE. Para a coleta de dados, utilizaram-se questionários on-line compostos por questões abertas e fechadas, além de entrevistas semiestruturadas. A fim de resguardar o anonimato das colaboradoras, empregou-se um sistema de identificação numérica, de acordo com a ordem de resposta aos instrumentos. Como todas as participantes se identificam como mulheres, utilizou-se a nomenclatura "professora", com numeração sequencial de 1 a 46. As respostas fechadas foram organizadas automaticamente pela plataforma Google Forms, enquanto as respostas discursivas passaram por análise com base na técnica de Análise de Conteúdo, conforme os pressupostos de Bardin (2016).

Buscando responder ao problema e aos objetivos da pesquisa, os dados coletados foram analisados por meio da análise categorial. Para Bardin (2016, p. 147), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. Desse modo, as categorias têm como objetivo fornecer, por meio da condensação, uma forma simplificada da representação dos dados brutos. A partir dos dados produzidos emergiram as categorias de análise. Neste trabalho será apresentada a categoria intitulada: Professora com amor: os saberes docentes e as especificidades da prática pedagógica com bebês.

2 A docência com bebês

“O que é um bebê?” Poderia ser a pergunta de partida, porém dentro de um traçado de sensíveis deslocamentos, o mais próximo que chegamos dessa resposta é outra pergunta: “O que somos diante de um bebê? Que experiência é essa de uma docência que tem o bebê como personagem que nos desloca e nos interroga?” (Abreu; Dornelles, 2021, p. 15).

Cada vez mais tem se intensificado a presença de bebês em escolas e/ou Centros de Educação Infantil. Embora a oferta em instituições públicas ainda não atenda à totalidade da população dessa faixa etária, a expansão nas matrículas e na procura por estes espaços revela que a institucionalização da infância se faz presente desde os bebês.

Ao caminhar pela história da infância e das instituições de Educação Infantil, percebe-se que, por muito tempo, os bebês eram vistos e entendidos como seres frágeis, incapazes e incompletos. Broering (2015), amparada nos estudos de Ariès (1981), enfatiza que a infância em si demorou a ser “descoberta” e reconhecida como uma fase da vida diferente da fase adulta. As

denominações referentes às crianças em seus primeiros meses eram inexistentes, era notável a ausência de uma palavra que representasse quem eram essas crianças. Vale refletir que o fato de não existir uma nomenclatura para isso representava que também não existia uma devida importância para essa fase da vida. E esse foi o sentimento em relação à infância por muito tempo, as crianças não eram nomeadas, não eram consideradas e, portanto, não existiam socialmente. Coutinho (2010, p. 71) destaca que “a invisibilidade da criança fica ainda mais marcada quando trata-se dos bebês, ou seja, quanto menor a criança mais ausente ela está nas investigações, nos programas de formação de professores/as e nas políticas educacionais”.

Ao discutir a docência com bebês, faz-se necessário compreender quem é esse bebê que tem chegado cada vez mais cedo nas escolas. E, para isso, é preciso conhecer suas particularidades, suas linguagens e formas de comunicação e expressão nesses espaços, para desenvolver uma prática pedagógica consistente, coerente e crítica. Com base na nomenclatura proposta pela BNCC (Brasil, 2017), considera-se como faixa etária dos bebês, 0 a 18 meses. Todavia, apenas a idade biológica não os pode definir em sua totalidade, pois apresentam características próprias a eles. Cada bebê tem sua singularidade, são sujeitos sociais e históricos e, portanto, carregam consigo as crenças, valores e a cultura dos espaços que estão inseridos. Barbosa (2010, p. 2) aponta que, nos últimos tempos, as pesquisas têm demonstrado as inúmeras potencialidades dos bebês.

Temos cada vez um maior conhecimento acerca da complexidade da sua herança genética, dos seus reflexos, das suas competências sensoriais e, para além das suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Os bebês possuem um corpo onde afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados e é a forma particular como estes elementos se articulam que vão definindo as singularidades de cada indivíduo ao longo de sua história. Cada bebê possui um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar.

Sendo assim, tem-se a compreensão de um bebê que experiencia o mundo à sua volta por meio dos seus sentidos, conhece, interage e se relaciona com o meio, com os objetos e com os outros por meio de seu corpo. Um corpo que é movimento, que é expressão e comunicação em toda a sua essência. Quando se fala de sua corporeidade, está se referindo à sua forma de ser e estar no mundo em sua totalidade. Por meio do olhar, dos gestos e dos movimentos ele vai se descobrindo como sujeito potente e ativo. Para Barbosa (2010, p. 2), “os bebês são dotados de um corpo no qual o afeto, o intelecto e a motricidade estão profundamente conectados e é a forma como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada um ao longo de sua história”.

Diferentemente de crianças maiores, o bebê ainda não verbaliza suas falas e pensamentos, é necessário o olhar atento e a escuta cuidadosa sobre eles, além do entendimento de que o seu corpo expressa e comunica suas vontades e desejos. Para Abreu e Dorneles (2021, p. 32), “um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos. É este poder de afetar e de ser afetado

que também define um corpo em sua individualidade”. Sendo assim, o corpo do bebê, além de biológico, social e cultural, é suporte de signos sociais. Segundo Almeida (2018, p. 60), “[...] os movimentos do corpo constituem uma linguagem que se constrói no processo histórico-cultural do meio onde a criança se encontra, sendo assim, tão importantes para o desenvolvimento físico-motor infantil”.

Quando se fala do bebê, destaca-se a professora que atua com eles, sendo essa a profissional que acolhe, oportuniza espaços instigantes e interativos, proporciona momentos de aprendizagem e desenvolvimento, organiza diferentes possibilidades de experiências que atendam às suas reais necessidades e possibilitem vivenciar distintas sensações provocadas por diferentes movimentos. Sendo corporeidade signifiante, Almeida (2018, p. 56) enfatiza que “[...] a criança deve ser livre para agir em um ambiente intencionalmente organizado pelo adulto, mas que lhe proporcione a oportunidade de transformar, adaptar, criar, interagir, integrar-se e desenvolver todo o seu potencial”.

O bebê sente o mundo e se comunica por meio de seu corpo. Por isso, é tão importante a forma como o adulto toca o bebê. Tardos (2010 *apud* Falk, 2010) enfatiza que desde muito pequeno, o bebê expressa com seu comportamento o que sente quando é tocado por um adulto, quando o pega e carrega em seus braços. Dessa forma, o seu bem-estar depende diretamente do adulto e da forma como ele o toca.

A maneira como a educadora trata a criança transmite para ela muitas informações. “Os movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesse, ao passo que os gestos bruscos e rápidos são sinais de indiferença, desatenção ou impaciência” (Tardos, 2010, p. 68 *apud* Falk, 2010). Assim, a “mão educadora”, exerce papel extremamente importante na vida do bebê, pois proporciona experiências prazerosas obtidas durante o tempo que passarem juntos e intensifica o vínculo entre professora/bebê. Ademais, alguns gestos podem ser desagradáveis e perturbadores, provocando ansiedade, desconforto e desconfiança em relação ao adulto.

Quando se fala da relação entre o adulto/professora e o bebê, Tardos (2010) aponta que é necessário se atentar para o respeito que se estabelece nesse contato. Sendo o bebê ainda dependente do adulto e de seus cuidados, os momentos de trocas, toques e movimentações precisam acontecer de forma respeitosa e afetuosa, considerando que está adentrando um espaço que é do outro, um corpo que é espaço de vida e comunicação desse ser, que é humano.

Essa noção reflete na forma como se constrói a proposta pedagógica da instituição de Educação Infantil, partindo da premissa de que os bebês apresentam especificidades que os diferenciam das crianças maiores, como: a dependência do adulto para suas necessidades básicas (alimentação, higiene, descanso), a necessidade de contato corporal, a relação de afeto e cuidado nas relações, acolhimento e segurança, um espaço acessível para que se movam e explorem livremente com seus corpos e um ambiente cuidadosamente planejado para que potencialize suas capacidades, instigue sua curiosidade e promova o desenvolvimento de sua autonomia (Barbosa, 2010). Tais especificidades precisam ser eixo principal na prática com os bebês. É fundamental

abordar a discussão sobre a prática pedagógica com os bebês na formação inicial e/ou continuada das professoras.

Considerando as especificidades desta fase, um dos grandes compromissos do adulto é oferecer acolhimento, atenção e cuidados necessários para os bebês que passam a habitar a sociedade, sendo assim agentes sociais. Segundo Barbosa (2010), o que antes era uma responsabilidade somente da família, hoje na atual sociedade passa a ser uma tarefa compartilhada com outras pessoas e/ou instituições. Tendo em vista as demandas sociais, o envolvimento dos adultos no mundo de trabalho, a ausência de família ampliada ou rede de apoio tem indicado a educação infantil como espaço de suporte dos familiares na tarefa de educar e cuidar de crianças tão pequenas.

Assim, a instituição de Educação Infantil expressa seu importante papel social, inclusive para os bebês, pois esse papel não se restringe ao apoio concreto durante o período em que está na creche, mas se torna um espaço de referência para refletir, planejar e avaliar as ações de cuidado e educação dos bebês. Como pontua Gomes (2013, p. 24):

A docência com bebês, a partir desse entendimento, não é a continuidade dos cuidados da família. Exige a articulação dos campos teóricos da educação e do cuidado com todas as interfaces cabíveis para a garantia da complexidade das ações com os bebês que não dividem entre as de cuidado e as educativas, mas que ocorrem no mesmo tempo e espaço, como um mesmo processo.

Sendo garantido o direito dos bebês em frequentarem os espaços educativos, estes devem ser pensados e preparados para os bebês, tornando-se assim um lugar de acolhimento, de experiências significativas, vivências prazerosas e de novas aprendizagens, em que as interações e as brincadeiras devem ser eixo central, bem como o cuidado que é essencial nessa faixa etária. Conforme afirma Coutinho (2017, p. 108), “[...] o cotidiano da creche pode ser para os bebês a possibilidade de que o novo se constitua a partir da relação com o outro, aspecto determinante no processo de tornar-se humano”. Sendo assim, ao adentrar no espaço da creche, os bebês ampliam seus conhecimentos de mundo, passam a conviver e interagir com diferentes pessoas de diferentes idades e vivenciam situações que propiciam a construção de aprendizagens sociais e culturais.

Dentre os desafios que estão presentes no cotidiano com os bebês, está a rotina que envolve o cuidar e o educar. Como apontam Padilha e Moretti (2015), compreende-se que abranger o cuidado no âmbito da Educação Infantil é contemplá-lo como parte integrante da educação. Porém, ainda se fazem presentes concepções dicotômicas que compreendem o cuidar relacionado aos aspectos da higiene, alimentação e sono do bebê; e o educar, com os materiais produzidos e ações pedagógicas dirigidas. Tais concepções fragilizam o olhar para a creche, reafirmando uma ideia fragmentada do trabalho docente com bebês, em que para muitos as ações de cuidar prevalecem na rotina. Ao se compreender que o cuidar e educar são características próprias da educação infantil, todo ato de cuidado é também uma forma de educar e de ensinar. Segundo Padilha e Moretti (2015, p. 2):

O cuidar e o educar são duas atividades que se completam, é difícil educar uma criança sem cuidá-la, e por outro lado, ao cuidá-la, já está sendo educada. O cuidado físico está inserido em um contexto. E o berçário tem de cumprir também o papel educacional. O professor de berçário deve estar preparado para trabalhar com as crianças pequenas, possibilitando as “experiências significativas” – com historinhas e músicas, nas brincadeiras e durante as refeições, tornando-as desde cedo atores principais de suas aprendizagens.

Como citados pelos autores, tanto o cuidar quanto o educar são parte fundamentais no processo educativo e precisam estar presentes nas práticas e na intencionalidade dos atos pedagógicos, o que requer da professora conhecimentos, habilidades e saberes necessários para a sua atuação profissional com os bebês, assim como a visão de um bebê potente, ativo e capaz de aprender e se desenvolver à sua maneira. Dessa forma, Soares (2017) considera as ações de cuidado, como ações também educativas, os bebês devem ser instigados, de forma respeitosa e afetiva, a participarem e interagirem nos momentos que fazem parte da rotina diária. Ao realizar uma troca de fraldas, por exemplo, o bebê tem a oportunidade de aprender sobre como ocorre sua higienização, compreender as relações humanas por meio do toque, do cuidado e da atenção destinada a esse momento.

Para que o sentimento de segurança do bebê seja favorecido deve haver regularidade de tempo e espaço e as tarefas do cuidado precisam ser realizadas com atenção e dedicação, nunca de forma mecânica ou apressada. O educador tem que dispor de tempo suficiente para que o bebê aproveite bem a experiência, desfrutando de cada gesto de cuidado que receber (Soares, 2017, p. 22).

As ações de cuidados estão envoltas às ações de cuidar. Ao se considerar o bebê competente e potente em seus modos de ser e viver, é essencial estabelecer com ele uma relação de confiança e colaboração, sendo a interação de forma consciente e cuidadosa. Segundo Soares (2017, p. 16), “o bebê é um ser capaz desde o nascimento e pode ser um parceiro ativo se o adulto de referência espera e percebe os sinais de reciprocidade”.

No cotidiano da docência com bebês, Falk (2010) enfatiza que os momentos de cuidado corporal constituem oportunidades significativas de interação e construção de vínculos entre professoras e crianças. Esses cuidados não se limitam a ações técnicas, mas envolvem a escuta sensível e o reconhecimento do bebê como sujeito ativo, capaz de perceber, sentir, interpretar e participar das experiências que o envolvem. Quando a professora se dirige ao bebê com delicadeza, explicando o que irá fazer – como, por exemplo, ao limpar seu nariz ou organizar seus cabelos –, ela estabelece um vínculo baseado na confiança e no respeito, oferecendo à criança a possibilidade de compreender a situação e de atuar como participante da ação e não como objeto dela.

Ações simples, como anunciar o que acontecerá em seguida, adaptar o ritmo do cuidado às necessidades individuais, ou envolver o bebê nos processos de troca de fraldas ou de higiene, constituem práticas pedagógicas que respeitam o corpo e a subjetividade infantil. Essas atitudes

não apenas valorizam a autonomia e a escuta ativa do bebê, mas favorecem a construção de sua identidade corporal e emocional. Nesse sentido, Falk (2010, p. 26) destaca que “a criança não aceita os cuidados de forma passiva. Participa ativamente. O adulto não exige esta participação, mas a torna possível motivando-a e valorizando-a”.

A linguagem, tanto verbal quanto não verbal, desempenha um papel central nesse processo. O tom da voz, a escolha das palavras, o tempo de espera, a forma como o toque é realizado – todos esses elementos comunicam algo ao bebê, influenciam suas respostas e colaboram para que ele se sinta acolhido, seguro e respeitado. Como observa Soares (2017), a qualidade do gesto e da fala deve estar em sintonia com o ritmo da criança, de modo a proporcionar experiências agradáveis, afetivas e compreensíveis. Com o tempo, a repetição dessas práticas possibilita que o bebê antecipe situações, reconheça padrões e atribua significados às ações que o envolvem. Isso contribui não apenas para a criação de vínculos afetivos e relações de confiança com a professora, mas também para o desenvolvimento da consciência de si, da percepção do próprio corpo e da compreensão do mundo ao seu redor.

A docência com bebês exige, portanto, uma pedagogia centrada nas relações, na escuta e no cuidado sensível. Essa pedagogia se realiza nas interações entre professoras e bebês, entre as próprias crianças e entre a instituição e as famílias, consolidando uma rede de vínculos que sustenta os processos de aprendizagem e de constituição dos sujeitos na creche. Sendo assim, a escola, os gestores e professores têm o compromisso de estreitar os vínculos com os familiares, entendendo que estes fazem parte do processo educacional do bebê, favorecendo os encontros, a escuta e as trocas. Para Barbosa (2010), a participação e a confiança dos familiares estabelecem vínculos seguros dos bebês com a creche, além de valorizar e afirmar a função parental na educação de seus filhos. O cuidado e a educação, quando trabalhados de maneira indissociável, contribuem fortemente para o desenvolvimento pleno desses bebês. Por menores que sejam, são os momentos de cuidados que fornecem a eles as primeiras socializações e aprendizagens de vida. São os diálogos que se estabelecem entre a professora e o bebê durante essas ações e momentos que geram uma relação e um vínculo educativo.

Assegurar que os bebês sejam bem cuidados, alimentados na hora correta, higienizados, sempre que necessário, tenham os seus momentos de sono respeitados, é contribuir e favorecer a sua aprendizagem (Almeida, 2025). Quando os bebês não têm suas necessidades atendidas, sentem fome, sono ou algum tipo de desconforto, ficam estressados e não se sentem motivados a participar das propostas pedagógicas que foram planejadas para eles, deixando, dessa forma, de explorar, investigar e aprender. Uma criança bem cuidada, com suas necessidades primeiras atendidas, é uma criança com mais predisposição a aprender e a se desenvolver de maneira integral. Portanto, é importante que haja uma profissional qualificada que observe as particularidades de cada bebê, planejando e organizando os espaços que favoreçam o seu desenvolvimento e sua aprendizagem, assim como uma profissional que busca em sua prática docente os saberes necessários para ser professora de bebês.

Ao falar da docência com bebês, compreende-se a importância de tais sentimentos estarem presentes na prática docente, tendo em vista as necessidades desta fase e a importância da afetividade para a aprendizagem e desenvolvimento dos bebês (Almeida, 2025). Entende-se que a identidade profissional docente também está baseada nos aspectos afetivos e na ideia de amor pela profissão. Entretanto, enfatiza-se a importância de considerar a profissão em seu aspecto profissional, sendo construída a partir dos conhecimentos e saberes profissionais, para além dos aspectos afetivos. A professora 46 enfatiza que não exerce a docência por amor, pois é uma profissional e tem atributos necessários para exercer essa função. Mas, em seu trabalho, o afeto sempre se fará presente no cotidiano com os bebês e, por isso, exerce a docência com amor.

Todo mundo fala: é Pedagogia **por** amor. Não! É pedagogia **com** amor! Eu sou uma profissional, eu sou uma professora, Mas eu faço com muito amor pelos meus bebês (Professora 46 – entrevista).

Santos (2007, p. 27) enfatiza que a docência deve ser “[...] compreendida como trabalho, como ato de transformação dos sujeitos, tendo em vista o próprio processo de humanização, que não se faz sem a socialização, a partilha e a produção de conhecimentos”. Portanto, constitui-se em uma atividade consciente, teórica e prática e, para isso, são necessários conhecimentos, métodos, técnicas, instrumentos que precisam se relacionar continuamente, em meio aos desafios que emergem do contexto. A docência se constrói e se reconstrói nas interações cotidianas entre os agentes envolvidos e esse processo demanda pensar, sentir e agir para mobilizar as ações de organização em que o profissional atua. Dessa forma, por meio de suas experiências, o professor atribui significados ao seu trabalho, que se integram a um conjunto de saberes que constituem a base de conhecimento profissional (Santos, 2007).

Dessa forma, atuar na docência com os bebês requer saberes fundamentais que são provenientes de diferentes áreas do conhecimento, assim como estudo constante e aperfeiçoamento de práticas pedagógicas que atendam à complexidade da docência com bebês, os quais levem à compreensão de que os bebês se comunicam e leem o mundo desde que nascem e, dessa forma, expressam-se por meio de gestos, choros, balbucios, olhares que exigem constante estudo e reflexão dos profissionais envolvidos neste processo, assim como proporcionar aos bebês experiências significativas que lhes forneçam autonomia e desenvolvimento de suas potencialidades.

3 As especificidades da prática pedagógica com bebês

Ao se adentrar ao contexto da creche e se aproximar da realidade dos bebês, defende-se que a prática pedagógica nesta etapa exige uma abordagem sensível, cuidadosa e intencional. Diferentemente do trabalho com crianças mais velhas, a educação de bebês é marcada por especificidades, singularidades e necessidades específicas dessa faixa etária.

Amparado em Tristão (2004, p. 142), compreende-se que o trabalho com crianças pequenas em ambientes escolares é uma profissão caracterizada pela sutileza. “Essa sutileza está presente em atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, mas que revelam a importância do trabalho docente com bebês”. Por vezes, há o entendimento de que o cotidiano com os bebês é composto de momentos cadenciados, com conhecimentos tácitos e rotineiros, que são vividos pelas professoras sem nenhuma intencionalidade pedagógica, ou compreensão de seus objetivos e fins. Algumas ações acabam sendo automatizadas e não vistas como importantes. Desta forma, diversas ações realizadas no cotidiano com os bebês podem passar despercebidas e não refletem a riqueza da vida diária (Tristão, 2004). Contudo, isso não exige a professora de sua prática pedagógica consistente e coerente.

Enfatiza-se que ser professora de bebês exige competências teóricas, metodológicas e também relacionais. Ao verificar o contexto da creche, Gomes (2013, p. 49) aponta algumas características importantes para a relação com as crianças, dentre elas: “a sensibilidade, a disponibilidade física e afetiva, as valorações positivas, a forma como a autoridade é exercida e o equilíbrio das atenções, considerando a diversidade do grupo”. Sobre a sutileza do trabalho que envolve o cuidado com bebês, por vezes é necessário o envolvimento de seus próprios corpos na atuação profissional em atitudes que envolvem o acolhimento, o colo, o toque, que mobilizam dimensões afetivas e sensíveis, como: a escuta, o olhar atento, o controle da voz, o diálogo, a observação, mediação de conflitos e sentimentos.

Essas questões ficam evidentes na fala das professoras 12 e 46:

Com os brinquedos é a mesma coisa, você precisa ter um olhar muito sensível. Porque se eu pegar um brinquedo ou uma caixa de brinquedo e colocar no chão, não são todos esses bebês que vão querer aquele brinquedo. Então, eu vou trocando o brinquedo. De repente ele está brincando com todos os brinquedos que tem na sala. Mas tem bebê que leva dois, três meses com o mesmo brinquedo todos os dias. Então é uma coisa assim, é muito sensível (Professora 12 – entrevista).

É no momento da troca, quando a gente está conversando e eu estou brincando com o corpo deles. Esse contato ocorre na hora de pentear o cabelo, por exemplo. Que agora ele já pega o pote, pega o borrifador, me traz, senta na minha frente, porque eles sabem que é o nosso momento. É o sentar no chão para cantar, brincar com eles... Eu sou a professora que gosta de sentar no chão (Professora 46 – entrevista).

Ressalta-se que a atividade docente é um espaço de trocas e vivências entre os agentes sociais que o afetam. Nesse contexto, destaca-se a dimensão da identidade profissional, na qual a professora, além de compartilhar experiências, traz consigo sua personalidade, construída ao longo de suas experiências pessoais de vida. As atitudes das professoras refletem diretamente na ação das crianças. Como aponta Falk (2010), as atitudes receptivas e compreensivas por parte das educadoras favorecem a disposição das crianças para se adaptar ao contexto escolar.

Por meio do diálogo estabelecido entre a professora 4 e os bebês, percebe-se que, durante essas ações, foi criada uma relação de confiança e um vínculo educativo.

Quando eu só falo, eles ficam olhando desconfiados. Daí quando eu sento lá no meio da sala com eles, já começam a montar um castelo, eles veem mesmo que realmente vira um castelo. E daí eles veem juntos, eles querem participar, eles querem concluir o castelo deles, eles querem aumentar o meu (Professora 4 – entrevista).

Compreende-se que essa situação ocorre pelo entendimento que a professora tem em relação ao brincar e a importância desses momentos para estabelecimento de vínculos com os bebês. Destaca-se que quando a professora tem clareza e consciência de suas concepções, a prática pedagógica apresenta intencionalidade e é desenvolvida com mais coerência e segurança. Garcia (1999) enfatiza que a aprendizagem da docência ocorre nos momentos de reflexão sobre seu desenvolvimento profissional e sua atuação docente, assim como nas necessidades formativas para desempenhar determinadas funções que emergem de seu cotidiano, levando a professora a buscar novas possibilidades em sua ação docente e compreender os saberes que subsidiam a sua prática.

Durante a pesquisa, as participantes foram questionadas a respeito de suas principais atribuições, sendo professoras de bebês. Dentre elas, as professoras destacam as relações de cuidado, buscando atender às necessidades básicas do bebê (higiene e alimentação), as trocas afetivas entre bebê e professora, sendo primordiais para estabelecimento de vínculos e de confiança, e os momentos de socialização por meio das brincadeiras, conforme se pode conferir nas falas, a seguir:

Acolher e receber com muito amor e carinho. O cuidado e a higiene são indispensáveis. Propor um ambiente de afetividade e acolhimento. Proporcionar a aprendizagem e desenvolvimento, por meio de atividades criativas. Realizar o planejamento de atividades observando a idade de desenvolvimento e capacidade de cada um. Orientar e ajudá-lo a enfrentar e a lidar com as dificuldades e frustrações durante seu processo de aprendizagem. Proporcionar momentos de integração e socialização por meio de brincadeiras, música e momentos afetivos (Professora 43 – questionário).

Atender às necessidades básicas das crianças (trocar fralda, dar banho, alimentar, trocar as roupas, etc.) Desenvolver em sala de aula as propostas planejadas de acordo com a faixa etária adequada. Realizar atividades sensoriais que envolvam a coordenação motora grossa e fina, percepção visual e auditiva, psicomotricidade, ludicidade, musicalização e oralidade. Estabelecer os valores e combinados. Propiciar momentos para que se socializem e demonstrem afeto pelos colegas e professoras (Professora 26 – questionário).

O cuidar envolve escuta ativa, empatia e construção de vínculos afetivos, mas, na prática pedagógica, não pode estar dissociado do educar. Destaca-se que os bebês possuem diferenças em relação às crianças maiores, que também apresentam singularidades que devem ser

compreendidas pelas professoras que atuam nesta fase. Segundo Barbosa (2009, p. 30), a especificidade desta faixa etária “[...] advém de sua totalidade, de sua vulnerabilidade, de sua dependência dos adultos, de seu rápido crescimento e possibilidade de desenvolvimento, das instituições sociais e educativas, além de suas formas próprias de conhecer o mundo”.

Com base nos dados apresentados, pode-se afirmar que há especificidades no trabalho com os bebês e que estas influenciam na organização da prática pedagógica, considerando que os bebês têm necessidades que precisam ser atendidas e particularidades que os distinguem das demais etapas. E, com isso, a forma de ensinar também se distingue, é necessário ser uma professora de bebês que considere em suas práticas tais singularidades, como se pode observar nas respostas das professoras a seguir:

Gosto muito de criar brinquedos e brincadeiras a partir das necessidades deles, observando os marcos que já alcançaram e os que precisam alcançar construo as propostas (Professora 25 – questionário).

Planejar, investigar, cuidar, brincar, cantar, selecionar músicas boas, dramatizar histórias, desenvolver atividades com as crianças, improvisar modificações no planejamento conforme o interesse das crianças (Professora 19 – questionário).

As professoras relatam como desenvolvem sua prática docente, considerando os interesses e necessidades dos bebês. Com isso, observa-se que a professora busca, na ação dos bebês, a organização de sua prática. A fala da professora 12 reflete a importância da relação estabelecida entre o corpo da professora e o corpo do bebê:

Então você vai ensinar ele a sentar, depois você vai incentivar ele a rolar, e ele vai começar no chão da sala rastejando. Não dá para você pôr material na parede do bebê, tem que ser no chão. Você tem que sentar no chão. Você tem que rolar no chão. Você tem que ser o espumado da sala. Você tem que ser isso. Que o bebê vem por cima de você. Se ele não tiver confiança em você, ele não vem (Professora 12 – entrevista).

Para que o bebê estabeleça uma relação de confiança com a professora, ele precisa se sentir seguro e acolhido. De acordo com Tardos (1992, p. 14 *apud* Falk, 2010), a forma como a educadora trata a criança transmite para ela muitas informações. “Os movimentos ternos e delicados expressam atenção e interesse, ao passo que os gestos bruscos e rápidos são sinais de indiferença, desatenção e impaciência”. No entanto, cabe ao adulto responsável estabelecer a comunicação com os bebês, desde os primeiros dias de vida, nos momentos de cuidado, que também são momentos educativos, possibilitando criar novas necessidades, novos afetos e novas aprendizagens.

Então, eu busco sempre cantar com eles no momento da troca de fraldas, gosto de chegar sempre animada. Enquanto eu os faço dormirem, fico olhando para eles e sorrindo. As estagiárias dão risada e falam: por que você ri? Eu respondo que não quero que a última imagem que a criança tenha de mim antes de adormecer, seja

uma cara brava, seja uma cara feia. Eu quero que eles saibam que eu estou feliz de estar com eles (Professora 46 – entrevista).

Compreende-se, a partir desta fala, que a construção de vínculos afetivos entre a professora e os bebês favorece um ambiente seguro e acolhedor. Amparado em Tardos (2006 *apud* Falk, 2010), entende-se que o bebê, desde muito pequeno, expressa com seu comportamento o que sente quando o adulto que cuida dele o toca, sorri para ele, o pega no colo, o carrega em seus braços, acolhe seu choro. O bem-estar do bebê depende exclusivamente do adulto e da forma como ele toca o bebê, as experiências prazerosas durante o tempo que estão juntos (como dormir vendo o sorriso da professora) enriquecem e estreitam o vínculo entre eles, enquanto as experiências desagradáveis, como gestos bruscos, podem perturbá-lo, causando angústia e insegurança. Dessa forma, a relação de cuidar e educar perpassa pela afetividade, demonstrando que, para além dos cuidados corporais, há uma relação de carinho e afeto entre a professora e o bebê.

Enfatiza-se o corpo do bebê nesta relação, considerando que muitos ainda não verbalizam. Assim, a comunicação transcende à palavra e utiliza-se do seu corpo para comunicar o que sentem, o que querem, seus encantamentos e frustrações. Para Coutinho (2012), a ação social dos bebês ocorre por meio de seu corpo, sendo dotados de sentidos sociais e culturais, e também produtor de sentidos, suas experiências são resultantes de suas interações e aprendizagens realizadas por meio das sensações. Ressalta-se o contato corporal entre a professora e o bebê, como uma especificidade na prática com os bebês, como relata a professora 12:

O bebê... Ele vai subir em cima de você. Ele vai passar a mão em você. Ele vai te tocar. Ele vai pegar em você. Ele vai te morder. É o dia todo. Não tem como eu fugir disso. É assim que eles adquirem essa confiança. Então eu sempre penso assim, quem não gosta de sentar no chão não pode ser professora de berçário. Professora de berçário é professora de chão (Professora 12 – entrevista).

A professora traz uma reflexão sobre o papel da professora ao envolver o seu corpo nas ações dos bebês, entendendo que suas primeiras experiências são essencialmente corporais e, para isso, a professora também precisa estar disposta a viver intensamente essa experiência corporal. Para isso, ela precisa se colocar na altura da bebê, pegar no colo, sentar no chão, sentir seu toque, percebendo que tudo o que o bebê faz para conhecer, se relacionar e aprender, o faz por meio de ações corporais (Almeida, 2018). O bebê, diferentemente das crianças maiores, ainda não tem o domínio da fala, por isso a professora precisa desenvolver um olhar atento, uma escuta cuidadosa sobre eles, mantendo sempre uma comunicação ativa, com o entendimento de que ele se expressa e se comunica por meio do seu corpo. Como enfatiza Coutinho (2011, p. 224):

o corpo é um corpo que fala, que comunica a todo momento, que convoca o outro a uma determinada ação. É um corpo que desloca-se, que aquietta-se, que abaixa-se, deita-se, que busca determinados objetos. É um corpo comunicante, um corpo brincante, um corpo pulsante.

Assim, a organização das rotinas precisa estar aliada à necessidade que os bebês tem de movimentar-se, explorar, interagir com seus pares e com o meio em que está inserido.

Porque eu adoro levar as crianças pra fora de sala de aula porque eles precisam ter essa vivência com o mundo exterior, sabe? Eu fazia aula ao ar livre com eles. Eu os levava para brincarem embaixo das árvores. A gente sentava, colocava uma toalha embaixo das árvores e fazia um piquenique na hora do lanche. Então, eu tentava fazer as coisas diferentes, trazer para eles uma realidade diferente de coisas que podia ser trabalhado fora da sala de aula. E eu gostava muito disso. Para mim, não era um incômodo. Acho que é uma forma de você aprender e de você obter um conhecimento saindo da caixinha, da mesa, cadeira, giz, lápis... (Professora 31 – entrevista).

A professora descreve sobre a importância de explorar diferentes espaços e de “sair da caixinha”, referindo-se às práticas tradicionais que ainda se fazem presentes no contexto da Educação Infantil. Dessa forma, compreende-se que ao atuar com bebês, a professora precisa repensar sua prática pedagógica, tendo em vista que a aprendizagem não acontecerá com todos sentados prestando atenção em sua fala ao ensinar determinado conteúdo, ou fazendo registros escritos em cadernos ou livros. A aprendizagem ocorrerá por meio da interação, do contato, do movimento, da exploração sensorial e de vivências significativas proporcionadas em espaços organizados intencionalmente para eles.

Pode-se entender que o trabalho docente se realiza por meio de um *habitus* especificamente profissional, cuja formação ocorre quando a prática docente é bem-sucedida ou, em alguns casos, está sendo influenciada por outro *habitus* profissional. A realização de práticas exercidas de forma individual ou coletiva configura o *habitus*, conforme apontado por Bourdieu (1984), ou seja, essas práticas deixam de ser apenas saberes e configuram-se em comportamentos que determinam as práticas.

Desse modo, a identidade docente é formada tanto pelas aprendizagens formais, como teorias e métodos pedagógicos, quanto pelo que vivencia e incorpora em sua prática. O *habitus* professoral (Silva, 2003) surge das interações diárias, dos desafios e das experiências acumuladas na profissão, o que permite à professora construir uma identidade enraizada em valores e envolver práticas que guiam suas decisões e ações educativas. Compreende-se que uma professora que trabalha com bebês pode desenvolver um *habitus* centrado no cuidado, na paciência e na empatia, valores que se tornam parte de sua identidade e moldam sua forma de interagir e organizar suas propostas. Assim, o *habitus* consolida uma visão de si mesma como professora de bebês, reforçada nas disposições e práticas que se mostram eficazes em sua experiência.

Em consonância com Barbosa (2010), defende-se o cuidar na educação infantil como uma dimensão fundamental que complementa o educar. Nessa fase, o cuidado não se restringe apenas aos aspectos físicos, como alimentação e higiene, mas abrange o emocional e o social. As crianças estão em uma fase de desenvolvimento intenso e a relação com a professora é essencial para promover um ambiente seguro. A fala da professora 24 ilustra isso:

Um trabalho complexo e desafiador, que exige aprimoramento constante, porém, muito gratificante. Afinal, toda ação educativa é complexa porque, exige que se estude, se dedique e que se construam saberes, pois não há uma “receita” pronta e que sirva a tudo e todos. O caráter desafiador, atribuo ao fato de que há muitos “mitos” que envolvem o trabalho com bebês, que geralmente afastam os docentes da atuação nesta etapa pelo medo e insegurança. Porém, se torna gratificante ao se deparar com um ano letivo cumprido e com avanços observados no desenvolvimento dessas crianças, você sente que seus esforços de maneira geral, valeram a pena (Professora 22 – questionário).

Assim, percebeu-se que a professora 24 se sente realizada com seu trabalho, que de fato é desafiador em razão das necessidades específicas e complexas dessa faixa etária. Além da complexidade que envolve a prática com bebês, as professoras lidam com as marcas históricas e culturais que permeiam o imaginário social sobre o que é ser professora de bebês e suas atribuições, causando medo e angústias em relação à profissão. A professora 22 aponta a formação constante e a busca por novos saberes como fator primordial nesse processo, uma vez que os bebês têm um ritmo de aprendizado, que varia de um para outro; assim, ela destaca o quanto é gratificante acompanhar o crescimento e o desenvolvimento dos bebês e, ao encerrar o ano letivo, percebe que sua prática docente foi exitosa.

Entende-se as instituições de Educação Infantil como espaços formativos tanto para as professoras quanto para os bebês. Ao discutir sobre como é organizado o cotidiano na creche, as professoras participantes enfatizam a importância da rotina como forma de organização de sua prática docente. A professora 24 ressalta esse aspecto:

Acredito que boa parte da organização do cotidiano na creche, advém da organização da rotina escolar que é passada para nós professoras pela equipe gestora da instituição, há aspectos que são postos pela rede, mas cabe a cada equipe organizar-se dentro desses, levando em conta as especificidades das crianças e do local de trabalho. Portanto, observo que dependendo da visão que a equipe gestora tem acerca dessa organização da creche, pode engessar as ações docentes focando apenas no cumprimento de horários, mas, se a visão contemplar a flexibilidade que a Educação Infantil exige, favorece que sejam contemplados aspectos da rotina escolar, mas possibilitando que a professora se organize de acordo com as especificidades de sua turma, levando em conta as propostas pedagógicas do dia e imprevistos que surgem (Professora 24 – questionário).

Para a professora 24, a rotina tem como objetivo organizar a vida da professora e dos bebês no cotidiano da creche. Por mais que a rotina escolar seja proposta pela equipe gestora, a professora tem a autonomia de flexibilizar os horários e organizar suas ações, atendendo às particularidades da sua turma. Barbosa (2006, p. 35) define a rotina como “uma categoria pedagógica que os responsáveis pela Educação Infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas escolas”. Sendo assim, está relacionada ao modo como a professora organiza a sua prática, a sequência de atividades que serão desenvolvidas. Na maioria das vezes, são os adultos que acabam determinando o ritmo temporal das experiências na Educação Infantil, por meio de atividades que unificam o tempo, para todos.

Alguns aspectos, como alimentação, higiene, troca de fraldas, troca de roupas, sono, são citados pelas professoras como parte da rotina diária com os bebês, bem como momentos de brincar e atividades pedagógicas. A rotina no espaço educativo com os bebês demonstra como a professora organiza o seu tempo. Para Carvalho (2015), a maneira como o tempo é organizado interfere diretamente nas experiências vivenciadas na escola. Isso porque, muitas vezes, a organização do tempo institucional se sobrepõe às demais temporalidades. O autor destaca a importância da organização institucional para o bom funcionamento da escola, entretanto, ele deve ser planejado com o coletivo, de modo que atenda às especificidades das crianças. Portanto, a organização da sala determina a vida coletiva, compreendendo o tempo como "[...] uma variável que imprime movimento, ritmo e energia para que as crianças e professores possam viver a experiência da vida coletiva" (Barbosa, 2013, p. 215).

Quando se pensa a respeito dos bebês, entende-se que, por muito tempo, eles foram colocados em uma posição de incapacidade, subordinação, como alguém em sua incompletude, visando constantemente conquistas futuras. Quando os compreende como sujeitos de direitos, potentes e capazes de estabelecer relação dialógica com o mundo, descontrói-se a ideia que se tem na sociedade, que está pautada na perspectiva do "vir a ser", e se passa a reconhecê-los dentro de suas potencialidades, respeitando seus tempos, ritmos e singularidades. Barbosa (2010) afirma que, ao nascer, as crianças se deparam com um mundo em processo contínuo de constituição. Sendo assim, ao receber os bebês no espaço escolar, as professoras se utilizam de seu patrimônio cultural, social e afetivo, buscando práticas de cuidado e educação que consideram mais adequadas para o bem-estar e pleno desenvolvimento dos bebês.

4 Desafios na prática com bebês

Amparados em Cunha (2015, p. 32), ressalta-se que "a maioria dos professores tem uma autoimagem profissional positiva e uma opinião favorável acerca da importância social da sua profissão". Entretanto, a sociedade nem sempre pensa da mesma forma, a falta de incentivo e reconhecimento, as exigências, atribuições, sobrecarga de trabalho e desempenho de muitos papéis, são fatores que acabam contribuindo para o mal estar docente e uma crise na identidade profissional. Com isso, as professoras relatam as dificuldades encontradas em suas atribuições:

É uma tarefa desgastante, pouco reconhecida, em que todos palpitam, mas não ajudam. Com muitos desafios e aprendizagens, mas com muito carinho e amor envolvido (Professora 1 – questionário).

Ser professora de criança pequena é trabalhoso, requer muita atenção e cuidado. Precisamos cuidar de todos, estar atenta a tudo e ao mesmo tempo também cuidar de seus pertences. Fazer tudo para todos ao mesmo tempo (Professora 21 – questionário).

As professoras problematizam suas práticas, tendo em vista que suas atribuições são desgastantes e pouco reconhecidas. A sociedade, em geral, tende a subestimar a importância da educação nos primeiros anos de vida. Isso está relacionado com a percepção que se tem a respeito da Educação Infantil, da formação dos profissionais e das condições de trabalho. Gobatto e Barbosa (2017) afirmam que as creches e as pedagogias voltadas à educação e ao cuidado da primeira infância em contextos coletivos ainda enfrentam desvalorização social, por refletirem o baixo reconhecimento historicamente atribuído aos bebês, às crianças pequenas e às mulheres nas sociedades ocidentais.

Tendo em vista que o trabalho com bebês envolve o educar e o cuidar, a prática de cuidado infantil acaba sendo associada a algo natural, instintivo, associado com a figura feminina/materna que está por trás da professora. Ao ampliar o olhar para a identidade das professoras de bebês, que são mulheres, percebe-se que, ao longo da história, sua imagem vem sendo reforçada à de uma mulher/mãe “naturalmente” educadora e amorosa, que, no seu instinto materno, já sustenta o amor e conhecimentos necessários para cuidar de um bebê. Entretanto, Badinter (1985) destaca que o instinto materno é um mito, não havendo uma conduta materna universal e necessária. Sendo assim, o amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire.

Em muitos contextos, o trabalho com bebês é visto como “intelectualmente” mais fácil do que com as crianças mais velhas. Tais percepções podem levar a uma visão equivocada de que não é necessária uma formação pedagógica especializada para esse trabalho, impactando na valorização docente, nas condições de trabalho e remuneração. A docência requer uma formação que integre, por um lado, aspectos culturais, éticos e estéticos nas diversas linguagens expressivas e, por outro, que valorize a construção de processos que fortaleçam a autoestima e a identidade dos professores (Barbosa, 2009). Mas, para isso, precisam ser pensadas políticas públicas efetivas que amparem as professoras em suas práticas, favorecendo o seu processo formativo, seu desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, a constituição de sua identidade profissional.

Dentre as dificuldades relatadas pelas professoras, está o número de bebês na turma, o que acaba afetando o trabalho docente, como se pode perceber na fala das professoras:

Então... Temos a questão de ser só duas professoras para os bebês. Não são nem duas, né? É uma professora regente e uma assistente. Então, é muito pouco, para muita criança. A gente está querendo ou não está voltando para a época em que era só depósito de criança. Não está pensando no desenvolvimento e sim em depositar criança. Da forma como está, fica difícil desenvolver um trabalho com qualidade mesmo para os bebês. Quem está lá em cima não sabe como funciona a real, uma sala de aula (Professora 12 – questionário).

Com tantos bebês em sala, as vezes a preocupação é de cuidar para que eles voltem bem, que eles não se machuquem, porque, querendo ou não, o espaço é amplo, né? E qualquer coisa se torna uma arma na mão dos bebês. Então, é bem difícil assim quando tem muitos. Mas as professoras da rede são guerreiras. Elas

se viram! Quem tá lá em cima não sabe como funciona realmente uma sala de aula (Professora 19 – questionário).

As angústias trazidas pelas professoras demonstram a precarização do trabalho docente, além da desvalorização profissional. O descumprimento da Lei, no que se refere ao número de bebês em sala, causa preocupação, angústia e revolta. Nos dados identifica-se que 26 professoras atuam em turmas com 11 a 15 bebês com a faixa etária de até 2 anos e sete (7) professoras enfrentam o desafio do trabalho com 15 a 20 bebês em sala. Em conformidade com o que prevê a legislação, cinco professoras atuam com turmas com 4 a 8 bebês e oito (8) professoras em turmas com 8 a 10 bebês. Destaca-se que as orientações em relação ao número de bebês são propostas visando garantir que o cuidado e a educação sejam de qualidade, considerando que o trabalho com bebês exige atenção individualizada e cuidados específicos. O processo educativo fica comprometido e os bebês acabam sendo expostos à negligência em relação à sua saúde, segurança e bem-estar.

Por vezes, a escola se apresenta como um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos. E também como “um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam com meios e fins diferenciados, contribuindo, assim, para a conservação ou a transformação de sua estrutura” (Bourdieu, 2011, p. 50). Dessa forma, a constituição da identidade e profissionalização docente se faz em meio a um longo processo de lutas, reivindicações e resistência à estrutura e políticas públicas que desqualificam o professor e sua prática e visam manter a precarização, desvalorização e secundarização do trabalho docente.

Outro ponto destacado como um desafio na prática com bebês está relacionado à organização de propostas voltadas aos bebês no contexto educativo. As características dos bebês exigem que o cotidiano seja muito bem planejado e organizado de acordo com suas necessidades. A criação de materiais, espaços, vivências e momentos envolvendo os bebês, exigem preparo e disponibilidade das professoras. Em muitas instituições de Educação Infantil, ainda são encontradas dificuldades em compreender que os bebês possuem singularidades, que os diferem das crianças maiores. Para Barbosa (2009, p. 30):

A especificidade das crianças de zero a três anos advém de sua totalidade, de sua vulnerabilidade, de sua dependência dos adultos (em especial da família), de seu rápido crescimento e possibilidade de desenvolvimento, das instituições sociais e educativas, além de suas formas próprias de conhecer o mundo.

Enfatiza-se que as situações do cotidiano, os conhecimentos construídos a partir das necessidades, as crenças e experiências pessoais e profissionais refletem na constituição da identidade enquanto docentes. Considera-se que, ao trabalhar com bebês, a professora tem uma responsabilidade emocional e afetiva que perpassa o processo educativo, bem como o trabalho exige competências e saberes docentes diferentes dos requeridos em outras faixas etárias. Isso faz

com que a professora reinvente sua prática, revise suas concepções e construa uma identidade mais versátil, capaz de lidar com a multiplicidade desse contexto.

Considerando que os bebês possuem suas particularidades, as práticas pedagógicas com esta faixa etária são muito específicas e, com isso, podem surgir desafios pertinentes a elas, por diversas razões. Um dos comportamentos comuns a esta faixa etária são as mordidas, as quais são características relativamente comuns entre os bebês, especialmente em contextos coletivos, podem ocorrer por diversas razões, relacionadas com o estágio de desenvolvimento em que se encontram.

Para os bebês, a boca é uma das principais formas de conhecer e explorar o mundo, desse modo morder pode ser uma maneira de experimentar sensações, especialmente quando estão na fase do nascimento dos dentes. Assim, “morder também passa a ser um meio de interagir com o mundo, de perceber a consistência de um objeto e também de provocar reações” (Fonseca, 2016, p. 13). Além disso, a mordida pode ser uma forma de comunicação em momentos em que os bebês ainda não possuem habilidades de linguagem para expressar sentimentos ou necessidades. À medida que os bebês vão se apropriando da cultura do local em que estão inseridos e com a mediação das professoras, eles vão superando esse comportamento e lidando com essa situação de outra forma.

Essa é uma situação que extrapola o âmbito da escola, pois envolve a cobrança por parte das famílias:

A cobrança dos pais em relação ao cuidado é bem frequente. E tem situações, que por vezes é inevitável de acontecer. São coisas de criança. Mordidas, cair, se machucar. E aí o pai vinha questionar: mas o que a profe estava fazendo, que não viu?! (Professora Ane – entrevista).

Percebe-se, na fala da professora, que a prática docente não se limita apenas à interação na escola, como já apontado por Barbosa (2009). Tratando-se de bebês, a relação com as famílias é algo frequente. A cobrança em relação ao trabalho das professoras é um reflexo das expectativas que as famílias e a sociedade têm sobre a educação e o cuidado com bebês. A falta de reconhecimento da complexidade do trabalho com bebês e o desconhecimento das condições de trabalho das professoras também podem ser causas de cobranças, tendo em vista que, em muitas situações, as professoras trabalham com turmas grandes e em condições que nem sempre são ideais. Percebe-se que o trabalho pedagógico com bebês apresenta especificidades que, por vezes, desafiam as professoras em suas práticas. Tais situações demonstram atribuições, funções e cobranças que nem sempre a professora consegue lidar, o que leva a um questionamento de sua profissionalidade docente, tanto pela própria professora quanto pelas famílias dos bebês.

Dessa forma, enfatiza-se a importância de contemplar, na formação inicial ou continuada, discussões voltadas aos bebês e suas especificidades que assegurem que as professoras se sintam seguras para atuar com essa faixa etária e os desafios que ela carrega. Barbosa (2009, p. 36)

aponta que as professoras da educação infantil “[...] estão vivendo um importante momento histórico relacionado à construção de sua identidade profissional, o que aponta para a necessidade de formação constante e de reflexão sobre a prática pedagógica nas escolas infantis como horizonte para essa caminhada”.

Todavia, o *habitus* como matriz de atuação do indivíduo, por vezes em situações cotidianas, leva a professora a agir sem refletir sobre suas ações, apenas reproduzindo estruturas anteriormente bem-sucedidas. No caso da educação, a consciência crítica do professor e os conhecimentos específicos da docência são primordiais para que as mudanças sejam possíveis e superem a ideia de racionalidade técnica, de aplicabilidade que, muitas vezes, são associadas ao trabalho do professor. Mas a docência abrange uma teia de saberes, que dizem respeito às competências e habilidades, ao saber/fazer/pensar uma prática reflexiva, que estão relacionadas à constituição da identidade do professor.

5 Considerações finais

Compreender quem são os bebês constitui um elemento central para a organização do trabalho docente com essa faixa etária, uma vez que as concepções construídas sobre eles orientam as práticas pedagógicas e a postura profissional assumida pelas professoras no cotidiano. Desse modo, os saberes mobilizados interferem diretamente na constituição da prática pedagógica e na construção da identidade profissional docente. Ao reconhecer os bebês como sujeitos ativos e competentes em suas ações e interações, bem como ao considerar suas especificidades, necessidades e interesses, as professoras tornam-se capazes de planejar e oferecer experiências educativas que dialoguem com suas potencialidades.

Com o objetivo de reconhecer as especificidades da docência com bebês, com ênfase nos saberes mobilizados e nos desafios enfrentados pelas professoras, investigando de que modo essas experiências contribuem para a constituição da identidade profissional docente na Educação Infantil, defende-se que os bebês possuem particularidades que os diferenciam das crianças maiores e que o trabalho docente nesta etapa apresenta especificidades. A partir da análise realizada, percebe-se que as professoras evidenciam os saberes experienciais, relacionando a aspectos afetivos e emocionais, como: o estabelecimento de vínculos afetivos, contato corporal, escuta e olhar atento às necessidades das crianças, conhecimentos básicos relacionados à higiene e alimentação, amor aos bebês e identificação com a faixa etária.

A efetivação de práticas exercidas social e coletivamente configura o *habitus*, como aponta Bourdieu (1984), ou seja, as práticas deixam de ser apenas meros saberes e configuram-se em um comportamento. Tais comportamentos também são explicados com as noções de experiência e *habitus*, pois muitas ações práticas se repetem todos os dias e nela há um determinado fazer, gestos corporais, estilos que compõem aquela atividade e modos de ensinar.

Considera-se que de tais especificidades emergem os desafios na prática das professoras, dentre eles: as mordidas, cobrança das famílias em relação ao cuidado, número de bebês por turma, número reduzido de professoras para atendimento aos bebês (sendo uma professora e uma assistente), falta de valorização e reconhecimento de suas atribuições. Nessa categoria ficou evidente que o trabalho pedagógico com bebês apresenta especificidades que desafiam as professoras em suas práticas e, por vezes, traz cobranças e questionamentos de sua profissionalidade docente, tanto pela própria professora quanto pelas famílias dos bebês.

Destaca-se que exercício da docência exige conhecimentos específicos, assim, para sua atuação, o profissional necessita passar por um processo de formação consistente, coerente e crítica que, juntamente com os saberes docentes, influenciarão na forma como ele irá atuar. Para Gomes (2013), considerando que o professor é o profissional responsável pelos cuidados e educação das crianças na creche, o desafio atualmente é qualificar esse profissional, reconhecendo a complexidade do trabalho docente na Educação Infantil. Dessa forma, a prática pedagógica voltada aos bebês precisa ser embasada teoricamente, consistente e reflexiva, sem desconsiderar as relações de afeto e cuidado, extremamente necessárias para essa fase.

Nessa perspectiva, esta pesquisa sustenta a defesa da formação realizada no âmbito da Universidade, em especial no Curso de Pedagogia, como espaço privilegiado de formação e requisito indispensável para o exercício profissional na Educação Infantil. Considera-se que é no Ensino Superior que se possibilita o acesso ao conhecimento científico, oferecendo fundamentos teóricos e metodológicos essenciais à atuação docente com bebês. Ademais, abre-se espaço para futuras discussões a respeito da importância da formação continuada para professoras de bebês, compreendendo que a formação continuada contribui para a construção de um novo perfil profissional, para a consolidação da identidade docente, para a ressignificação das práticas pedagógicas e, conseqüentemente, para o fortalecimento da profissionalidade docente.

Ao concluir esse estudo, questiona-se: sendo a docência com bebês, uma experiência que nos move, nos desloca, nos instiga e nos desafia: Quem somos nós diante dos bebês? Deve-se sempre afirmar que somos professoras! E ser professora de bebês é colocar o corpo e o coração no cotidiano, é reconhecer as sutilezas do olhar, do gesto e da escuta, a essência do cuidar e do educar. E para tanto, a busca é por reconhecimento, valorização e melhores condições de trabalho. Afirmar-se como professora de bebês é também reivindicar o direito de existir profissionalmente, em um espaço historicamente desvalorizado. É exigir condições dignas para sua atuação profissional, com formação continuada, remuneração justa e espaços que respeitem a complexidade do fazer docente, assim como os saberes necessários para atuação nesta etapa. É lutar pelo reconhecimento da profissão, pela visibilidade das sutilezas que a constituem e pelo fortalecimento da categoria docente como agente transformador, pois educar bebês é um ato pedagógico, político e profundamente humano. Que essa luta siga pulsando, nos estudos, nas práticas e nas políticas públicas, com a firmeza de quem cuida, educa e resiste.

Referências

ABREU, Bárbara Cecília Marques; DORNELLES, Leni Vieira. **Bebês como potência de vida:** corporeidade e sensorialidade na Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

ALMEIDA, Izabelle Cristina de. **O corpo em movimento na Educação Infantil:** análise da prática pedagógica nos complexos educacionais da Rede Municipal de Ensino de Ponta Grossa/PR. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2616>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira (org.). **Práticas cotidianas na educação infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para Construção de orientações curriculares para a educação infantil. Brasília, DF: MEC; Secretaria de Educação Básica; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010. p. 1-17.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força:** rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Tempo e cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura:** teoria e prática, Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/185/122>. Acesso em: 12 de Maio de 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, 2017. 396 p. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 12 de Maio de 2025.

BROERING, Adriana de Souza. A “descoberta” da infância ocidental na modernidade: quais crianças foram “colocadas nesse berço”? **Revista Linhas**, Florianópolis, v.16, n.30, p. 270-285, jan./abr.2015. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015270>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Entre as culturas da infância e a rotina escolar: em busca do sentido do tempo na educação infantil. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 41, p. 124-141, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24517>. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês:** um estudo etnográfico no contexto da creche. 2010. 312 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O corpo dos bebês como lugar do verbo. *In*: ARROYO, ARROYO, Miguel Gonzalez; SILVA, Maurício Roberto da; (org.). **Corpo – infância:** exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012. (Inserir nomes completos)

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O corpo e a ação social dos bebês na creche. **Poiésis**, Tubarão, v. 4, n. 8, p. 221-233, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/791>. Acesso em: 22 de Maio de 2025

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 105-114, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322510063_Os_bebes_no_cotidiano_da_creche_acao_social_corpo_e_experiencia. Acesso em: 22 de Maio de 2025.

CUNHA, Antônio Camilo. **Ser professor:** bases de uma sistematização teórica. Chapecó: Argos, 2015.

FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler:** educação infantil. Tradução de Guillermo Blanco Ordaz e Carmen Moraes. 2. ed. São Paulo: Omnisciência, 2010.

FONSECA, Fabiane Francisco da. **Mordida na Educação Infantil:** uma saia justa para os educadores. 2016. 18 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade São Judas Tadeu, Rio de Janeiro, 2016. Acesso em: 20 de Maio de 2025.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

GOBATTO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 4, n. 1, Jan. Abr. 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/289>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: <https://www.unisantos.br/wp-content/uploads/2018/08/forma%C3%A7%C3%A3o-professores-marineide-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PADILHA, Dayane B.; MORETTI, Lucia Helena Tiosso. O cuidar/educar a criança na creche/berçário. **Psicologia**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-14, set. 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0910.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2024.

SANTOS, Almir Paulo dos. Reconstrução de um novo “sujeito” a partir da educação natural de Rousseau. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 195-209, 2007. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 10 de junho de 2025.

SILVA, Maria da Graça da. **Como se ensina e como se aprende a ser professor:** a evidência do habitus professoral e da natureza prática da didática. Bauru: EDUSC, 2003.

SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, movimento e autonomia:** educação até 3 anos. 2. ed. São Paulo: Omnisciência, 2017.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Zero-a-Seis:** UFSC, Florianópolis, v. 6, n. 9, p. 1-14, jan./jun. 2004. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/9360?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 de junho de 2025.

Contribuições dos Autores (CRediT)

Izabelle Cristina de Almeida: Conceituação; Curadoria de Dados; Análise Formal; Investigação; Metodologia; Administração do Projeto; Validação; Visualização; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

Susana Soares Tozetto: Conceituação; Metodologia; Supervisão; Administração do Projeto; Validação; Visualização; Redação – Rascunho Original; Redação – Revisão e Edição.

Conflitos de Interesses:

Conforme a política editorial da revista, as autoras declaram não haver quaisquer relações pessoais, profissionais, financeiras ou acadêmicas que possam ser interpretadas como influência nos métodos, resultados ou discussões apresentadas neste manuscrito.

Financiamento:

Esta pesquisa não recebeu financiamento.

Aprovação ÉTICA:

O estudo foi realizado após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (CEP/UEPG), sob o parecer número 5.701.217, em conformidade com as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os preceitos éticos foram respeitados, garantindo o sigilo e o anonimato dos participantes.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar este artigo (ABNT):

ALMEIDA, Izabelle Cristina de; TOZETTO, Susana Soares. Docência com bebês na creche: saberes, desafios e a constituição da identidade profissional docente. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 16, e162603, p.1-25, jan/dez. 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2026.16.11029>. Acesso em: [inserir data de acesso].

Editor Responsável:

Deivid Alex dos Santos